

Formação Inicial e Continuada de Professores: da Teoria à Prática

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Formação Inicial e Continuada de Professores: da Teoria à Prática

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F723	Formação inicial e continuada de professores [recurso eletrônico] : da teoria à prática / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-844-1 DOI 10.22533/at.ed.441191912 1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Vamos compreender a vida, não necessariamente como a repetição diária das coisas, mas como um esforço para criar e recriar, e como um esforço de rebeldia, também. Vamos tomar nas mãos nossa alienação e perguntar: “Porquê?”, “Isso tem que ser desse modo?”. (...) E para sermos sujeitos, precisamos indiscutivelmente examinar a história criticamente. Como participantes ativos e verdadeiros sujeitos, podemos fazer a história apenas se continuamente formos críticos de nossas próprias vidas.” (Paulo Freire)

O debate sobre a relação teoria e prática é uma questão importante para o campo da formação inicial e continuada de professores. Esta relação já foi tratada por importantes filósofos como Gramsci (1978), Adorno (1995), Vázquez (1977), Saviani (2007) e por numerosos estudiosos da área da educação, que se dedicaram a compreender a natureza, os limites e possibilidades dessa relação que se refere ao modo como os homens pensam e agem sobre todas as coisas.

A categoria formação é muito importante para se pensar a formação inicial e continuada de professores, assim, nos artigos que compõe esta obra busca-se uma melhor compreensão deste tema na sociedade contemporânea. a formação humana é tida como incompleta, fundamentada na barbárie e impregnada por conceitos ideológicos, além disso, há uma simplificação ou redução do conhecimento. Adorno (2005) enfatiza, por conseguinte, o papel da educação na formação da consciência crítica. Em suas análises sobre o sistema educacional contemporâneo, o autor mostra que o problema da semiformação tem contribuído para a propagação de um ensino superficial, medíocre, acrítico e empobrecido de experiências formativas.

É importante ressaltar que a base da formação inicial e continuada de professores pressupõe tanto conhecimentos teóricos quanto práticos. Assim, não se pode atribuir a primazia da prática sobre a teoria ou vice-versa. O binômio teoria e prática possibilita ao homem agir de forma consciente na concretização de todas as suas ações. Ao isolar a teoria da prática ou a prática da teoria, o homem é destituído de sua capacidade de agir de forma consciente, é impossibilitado de compreender os condicionamentos que o determinam, é privado da possibilidade de (re)construir sua realidade.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E O MODELO COGNITIVO-INTERACIONISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CRIANÇAS E PROFESSORES EM FOCO	
Débora da Silva Cardoso Elcie F. Salzano Masini	
DOI 10.22533/at.ed.4411919121	
CAPÍTULO 2	17
DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA NO ENSINO DA MATEMÁTICA LÚDICO CRIATIVO	
Jaqueline Rodrigues Gonzaga Cassiano Rosa Neto Soraia Abud Ibrahim	
DOI 10.22533/at.ed.4411919122	
CAPÍTULO 3	19
A PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL POR MEIO DO BOLETIM INFORMATIVO DE LETRAS- BIL	
Zélia Ramona Nolasco dos Santos Freire	
DOI 10.22533/at.ed.4411919123	
CAPÍTULO 4	26
FORMAÇÃO CONTINUADA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE FILOSOFIA	
Alvino Moraes de Amorim Tiago Bacciotti Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.4411919124	
CAPÍTULO 5	40
FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DO PEDAGOGO: DA TEORIA À PRÁTICA	
Maria Lucia Morrone	
DOI 10.22533/at.ed.4411919125	
CAPÍTULO 6	50
ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DE INSTRUTOR, PARA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL INICIAL DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ana Carla Tamisari Pereira Ednéia Albino Nunes Cerchiari	
DOI 10.22533/at.ed.4411919126	
CAPÍTULO 7	59
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NARRADA EM MEMORIAIS	
Vanessa Suligo Araújo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.4411919127	

CAPÍTULO 8	72
A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NO MUNICÍPIO DE CAARAPÓ, MATO GROSSO DO SUL	
Angela Hess Gumieiro	
DOI 10.22533/at.ed.4411919128	
CAPÍTULO 9	81
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS NA REGIÃO DE FRONTEIRAS LATINAS E A INVESTIGAÇÃO DE CRENÇAS	
Graziela Barp	
DOI 10.22533/at.ed.4411919129	
CAPÍTULO 10	91
FORMAR-SE PARA FORMAR: APROPRIANDO-SE DO MODELO DE ENSINO HÍBRIDO PARA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM SERVIÇO	
Mariane Regina Kraviski Dinamara Pereira Machado	
DOI 10.22533/at.ed.44119191210	
CAPÍTULO 11	99
LA SUPERVISIÓN ESCOLAR: DEL ABANDONO A LA SALVACIÓN, EN LA PARADOJA DE LAS AUTONOMÍAS DIRIGIDAS	
Maria de La Luz Jimenez Lozano Juan Manuel Caballero Arriaga	
DOI 10.22533/at.ed.44119191211	
CAPÍTULO 12	115
LA TRÍADA FORMATIVA DE PRÁCTICA PEDAGÓGICA: ¿CÓMO AVANZAR A ESPACIOS DE DESARROLLO PROFESIONAL GENERADOS MEDIANTE REFLEXIÓN?	
Carlos Vanegas Ortega Rodrigo Fuentealba Jara	
DOI 10.22533/at.ed.44119191212	
CAPÍTULO 13	129
IDENTIDADES DOCENTES E CULTURAS PROFISSIONAIS: ANÁLISE DE DISCURSO DE NARRATIVAS TEXTUAIS DE ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA NATUREZA (EACH/USP)	
Luciana Maria Viviani Verónica Marcela Guridi Elen Cristina Faht	
DOI 10.22533/at.ed.44119191213	
CAPÍTULO 14	142
DO ESPAÇO VIVIDO AO SABER CARTOGRÁFICO – ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Daniel Fernando Matsuzaki da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.44119191214	

CAPÍTULO 15	155
MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) : DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Débora Cristina Fonseca Priscila Carla Cardoso Thaís de Melo Muniz	
DOI 10.22533/at.ed.44119191215	
CAPÍTULO 16	179
MEMÓRIAS E SENTIDOS EDUCACIONAIS: VERDADES/MENTIRAS? POR UMA TEOLOGIA DA VIDA	
Adma Cristhina Salles de Oliveira Luiz Augusto Passos	
DOI 10.22533/at.ed.44119191216	
CAPÍTULO 17	193
O FIO DA HISTÓRIA – NAS TRILHAS DE OURO PRETO DO OESTE-RO. VITRAIS DA MEMÓRIA DE PROFESSORES E ESCOLAS	
Ivone Goulart Lopes Alois Andrade de Oliveira Hildebrando Neto Pinheiro Devanir Aparecido dos Santos Miriam Alves dos Santos Walter Claudino da Silva Junior Priscila Alves Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.44119191217	
CAPÍTULO 18	204
O QUE APRENDI COMO FORMADORA DE PROFESSORES: MEMORIAL DESCRITIVO	
Ana Dallagassa Rossetin	
DOI 10.22533/at.ed.44119191218	
CAPÍTULO 19	206
PRÁTICAS DOCENTES DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO NO BRASIL: DESAFIOS NA AMPLIAÇÃO DA JORNADA ESCOLAR	
Cibele Maria Lima Rodrigues Gilvaneide Ferreira de Oliveira Ruttany de Souza Alves Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.44119191219	
CAPÍTULO 20	222
O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS PARA CRIANÇAS PEQUENAS: CICLO DA ÁGUA	
Flávia Regina Brizolla Borges Rosana Miranda de Oliveira Taboga	
DOI 10.22533/at.ed.44119191220	

CAPÍTULO 21	235
TEACHING PROBLEMATIC OF INDIGENOUS WOMEN IN THE INTERCULTURAL MEXICO STATE UNIVERSITY	
Karina Reyes Priciliano Aristeo Santos López Hernán García Esquivel	
DOI 10.22533/at.ed.44119191221	
CAPÍTULO 22	245
PROFESSORA, EU JÁ ME SINTO PROFESSOR! UM RELATO SOBRE DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS ENTRE A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO BÁSICA	
Ormezinda Maria Ribeiro Ana Cristina Castro	
DOI 10.22533/at.ed.44119191222	
CAPÍTULO 23	255
FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES: PESQUISA E REFLEXÃO	
Solange Aparecida De Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Valquiria Nicola Bandeira Carlos Simão Coury Carrêa Andreza De Souza Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.44119191223	
CAPÍTULO 24	270
PROFESSORES DO CAMPO, AUTO PERCEPÇÃO E PRÁTICAS DOCENTES COM AS REDES SOCIAIS	
Maria Fatima Menegazzo Nicodem Teresa Kazuko Teruya	
DOI 10.22533/at.ed.44119191224	
CAPÍTULO 25	285
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA NO ENSINO SUPERIOR: PERCEPÇÃO DOS DOCENTES SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE	
Gildene do Ouro Lopes Silva Sílvia Cristina de Oliveira Quadros Betania Jacob Stange Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.44119191226	
CAPÍTULO 26	304
REFORMA DO ENSINO MÉDIO: A LEI 11.645/08 E A RESILIÊNCIA DO FEMININO NA LITERATURA	
Ana Claudia Duarte Mendes Leoné Astride Barzotto Dejair Dionísio Danieli Conrado	
DOI 10.22533/at.ed.44119191227	

CAPÍTULO 27	320
SOCIALIZAÇÃO DE UMA PROFESSORA INICIANTE DE CIÊNCIAS NATURAIS: EM BUSCA DA PROFISSIONALIDADE	
Verónica Marcela Guridi Elka Waideman Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.44119191228	
CAPÍTULO 28	332
UNA OJEADA A LAS MODIFICACIONES DEL TRABAJO DE LOS MAESTROS DE SECUNDARIA EN EL D.F., A PARTIR DE REFORMAS EDUCATIVAS DEL 2006 Y 2011	
Maria De los Angeles Castillo Flores	
DOI 10.22533/at.ed.44119191229	
CAPÍTULO 29	350
THE PROFESSIONAL QUALIFICATION OF THE PEDAGOGUE: EXPERIENCING PROJECT-BASED LEARNING	
Maria Cristina Marcelino Bento Paulo Sergio de Sena Nelson Tavares Matias Messias Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.44119191230	
CAPÍTULO 30	361
UNIVERSIDADE E INCLUSÃO: A EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE PESQUISA E ESTUDOS EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO – NUPESPI COM A FORMAÇÃO PROFISSIONAL	
Nicoleta Mendes de Mattos Sílvia Lúcia Lopes Benevides	
DOI 10.22533/at.ed.44119191231	
SOBRE A ORGANIZADORA	377
ÍNDICE REMISSIVO	378

MEMÓRIAS E SENTIDOS EDUCACIONAIS: VERDADES/ MENTIRAS? POR UMA TEOLOGIA DA VIDA

Adma Cristhina Salles de Oliveira

UEMS, Curso de Letras Port./Inglês

Dourados - MS

Luiz Augusto Passos

UFMT, PPG em Educação

Cuiabá - MT

RESUMO: O presente texto tem por objetivo refletir sobre os contextos humanos, inseridos nas diversidades do conhecimento, representados simbolicamente nos espaços sociais, políticos e ancestrais. Ao compreender o conceito da ancestralidade este pode ser entendido/estendido no crer mitológico, cosmogônico, relacionado à contemporaneidade. Neste sentido, o fenômeno de imanência e cooptação influencia a condução do pensamento e das práticas da sociedade civil. O trabalho fundamenta-se pelo olhar fenomenológico, teoria/metodologia entrelaçam-se, sentido no/pelo sagrado. Pelos caminhos da descrição, conceituação, análise desvelamos o papel da mídia na liberdade ou aprisionamento da consciência humana. O diálogo educacional colabora com os valores humanitários e ecológicos, em vias da desconstrução do preconceito étnico e das diferenças humanas. A epistemologia, ao aproximar os saberes do mito e do conhecimento científico e ressignificar valores históricos e práxis educacionais,

agrega a tentativa de um outro olhar, de outros caminhos de entendimento do sentido da vida. Nesse percurso metodológico, o conhecimento da mídia fílmica e musical não é um mecanismo, um instrumento de aprendizagem, mas uma possibilidade dimensional, algumas vezes ocultada pela invisibilidade de uma proposta curricular diferenciada. Ao ressignificar valores humanitários por meio do mito, da poesia e do filme, pretende-se despertar para as realidades de exclusão em relação ao exercício da cidadania, provocando interseções humanas, plurais, singularidades, de alteridade, próprias do viver cultural dos *abya yala* (nativos da terra, *indígenas*) e dos afrodescendentes, retomando valores éticos na tentativa da des(construção) de uma única ciência.

PALAVRAS CHAVE: Circularidades. Saberes. Fenomenologia.

ABSTRACT: The present text aims to reflect on the human contexts, they are inserted in the diversities of knowledge, symbolically they are represented in the social, political and ancestral spaces. By understanding the concept of ancestry, this may be understood/extended in the mythological, cosmogothic beliefs, they are related to contemporaneity. In this direction, the phenomenon of immanence and co-optation influences the conduction of thought and practices of civil society. The paper is based

on the phenomenological look, theory/methodology intersect themselves, meaning in/ by the sacred. By way of description, conceptualization, analysis we were unveiled the role of the media in the freedom or imprisonment of human consciousness. The educational dialogue cooperates with the humanitarian and ecological values, in the process of deconstructing ethnic prejudice and human differences. The epistemology, by approximating the myth's knowledge and scientific knowledge and resignifying historical values and educational praxis, they add the attempt to another perspective, from other ways of understanding the meaning of life. In this methodological path, the knowledge of the film and music media is not a mechanism, a learning instrument, but a dimensional possibility, sometimes it is concealed by the invisibility of a differentiated curricular proposal. By resignifying humanitarian values through myth, poetry and film's , it is intended to awaken to the exclusion's realities regarding to the citizenship's exercise, provoking human, plural, singularities, alterity intersections themselves of living of the Abya Yala (land's natives, indigenous peoples) and of African descents, revisiting ethical values in the attempt of the DES (construction) of a single science.

KEYWORDS: Circularities. Knowledge. Phenomenology.

1 | ESCUTAS INTRODUTÓRIAS

O sagrado é um tempo de criação e emergência.
Enredados nos espaços e tempos do se fazer humano. Não
haverá espaços e tempos fechados, terminais (Passos, 2010).

A (*des*) humanidade da ordem do capital vive epistemologias e concepções de uma modernidade, regida por um tempo, por valores do consumo/ individualidade/ competitividade da exclusão do diferente. Ao viver a experiência dessa narrativa, acredita-se na objetividade das coisas, nas categorizações da ciência única, verdade possível, do ter/fazer/comprovar/concluir. Dificultando a possibilidade de entender e de permitir outras escutas, sensíveis humanitárias, responsáveis pela perpetuação, manutenção e sobrevivência das civilizações tradicionais, daquilo que chamamos de civilidade. Neste sentido, bloqueia-se a capacidade de escutar o mito como outra verdade, outra epistemologia.

Said (2007), teórico dos diálogos culturais, nos alerta em sua afirmação “o oriente é uma invenção do ocidente”, nesta lógica podemos entender a existência da força de ganhadores/vencidos, da subalternidade, inferioridade/superioridade do sequestro identitário das civilizações, dos bens materiais, e da invisibilidade que exclui os bens imateriais gradativamente, por estes ameaçarem a dominação da ideologia vigente. Por isso a importância da releitura, como necessidade existencial, do pensamento *freireano*, saber/conhecimento, no eixo suleador, terminologia cunhada por Paulo Freire, representa o olhar que nos cerca, sob/sobre a perspectiva do sul, presente na obra: *Pedagogia da Esperança* (1994, p. 218 e 219), a expressão

sulear é “entendida como metáfora do sofrimento humano causada pela modernidade capitalista”, Dicionário Paulo Freire (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2008, p. 396). O termo é revisitado, ressignificando outros olhares epistemológicos/axiológicos, pelo teórico Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses na obra *Epistemologia do Sul*. (2006, p. 32).

No caso do nosso trabalho, as cosmogonias das culturas nativas, indígenas (**abya yala**) e afrodescendentes, foram esquecidas, ignoradas por séculos diante da visão eurocêntrica. Estes conhecimentos precisam ser desvelados, neste sentido, o trabalho metodológico de reconhecimento dos mitos, exige suspender as antigas amarras ideológicas tradicionais conservadoras de uma única ciência, pois a uma relação da aprendizagem de um outro exercício epistemológico, por meio da descrição, da ação e reação, princípio do fenômeno natural da vida.

Suspender esse sentido significa perceber saberes a partir da intuição do mito, colocar-se/ no repouso da reflexão, da meditação, desprovidos dos conhecimentos certos, conclusivos, interpretando o mito pelo mito, no sentido maior da vida, na lógica dos povos originários, passando a indagar as metáforas subjetivas presentes nele. Neste caminhar educacional existem infinitudes de saberes a serem perseguidos, mas na maioria das vezes o mito nos conta algo que aconteceu ou vai acontecer, desde a premonição/revelação contém conhecimento da ciência presente, é o caso do documento conhecido como *código de Isaias*, documento descoberto no século passado, que descreve um lugar de concentração de pura energia, onde todas as coisas tem início, evidencia que existe realmente esta “Matriz Divina”, a origem das estrelas, das rochas, do DNA e de tudo que existe, provado pela física quântica.

A intenção de comparar/comprovar os saberes do mito/conhecimento científico entre mundo mítico e o mundo cartesiano, permite-nos ter um olhar fundante merleau-pontyano, argumentado pela voz de Passos (2010, p. 45) “O mundo só era natural no período precedente à nossa entrada nele. A partir daí temos a inauguração de uma confusão – assim chamada por Merleau-Ponty entre o eu, o outro, mundo com certa reversibilidade inclusiva.” Considerando estes indicadores em um tempo/ espaço sensitivo, percebemos que o ponto de partida é a teoria fenomenológica hermenêutica, que fundamenta um trabalho teórico da descrição e tem sentido pelo olhar das diferentes culturas.

Esta linha teórica pode descrever e contemplar as várias áreas de conhecimento, podendo ser trabalhada quase sempre com um olhar etnográfico, cada uma com suas especificidades, com sua dinâmica metodológica, ou mesmo com o sentido do método fenomenológico. No sentido mitológico, o método auxilia desvelar saberes das estrelas, astros, exige em nossa visão linear de ciência, estudo profundo complexo mas, antes de tudo, intuição/sensitiva de ler a natureza pelos olhos da criação, daquilo que já estava aqui, para seguir a ‘dita evolução’, a espera de pessoas pensantes incomodadas pelas respostas do senso comum.

Estas desvelam infinitos que sempre estiveram aqui, incomodadas querem ir

além... além da possibilidade só cartesiana, enxergar o outro *lado da moeda*, uma moeda que não serve só ao capital e sim a vida que gera vida, necessitando das duas perspectivas, estabelecendo um reinventar de autonomia social, uma relação mais humanitária, sem uma cultura subestimar o valor da outra, em uma intersecção de postura ecológica, de saberes diferenciados que coexistem.

2 | TRILHAS E REFLEXÕES MITOLÓGICAS

O mito é vida, construída por extensão, verdade dialógica entre homem/natureza/existência, como todo segredo/sagrado, desconhecido mistério tem que ser lido ou dialogado com a natureza. A criação dos povos tradicionais indígenas e africanos de ensinar e aprender por meio da intuição e sensibilidade humanitária, energia pura, com capacidade de construir e condensar o conteúdo profundo sem perder a intenção de valorização da vida. Explica-se o sentido da vida pela leitura, interpretação própria, nos conduz a dimensões educacionais teórica-metodológica-pedagógica que se complementam, tomam corpus de unicidade. Existe um sentido do viver humano carnal, em que os saberes são unificados e extensionados por energias que geram a força vital.

Os povos originários indígenas e as culturas afrodescendentes preservaram saberes pela metodologia mitológica da oralidade, chave cíclica de vidência do mito, retrata e representa fatos da astronomia mítica hierofânica, ensinada na oralidade e comprovada cientificamente. Esta trabalha com conceitos e representações da natureza, divindades significativas para cada etnia. Nesta representação da criação as marcas míticas são transmitidas pela oralidade ligadas à tradição e à origem do homem e do mundo, compreendida pela animalidade, humanitária tencionada de sobrevivência, ou seja a espiritualidade construída sob égide da responsabilidade social que temos uns com outros.

O mito é manifestação, é a sustentação cultural da narrativa, da oralidade, é origem da sociedade e se compõe como base explicativa da criação do mundo (ELÍADE, 2008). Podemos entender culturalmente que as matrizes africanas/ indígenas possuem saberes tradicionais por seu lócus de origem, portanto, nossa proposta permeia a história, plural e singular, a partir da mídia cinematográfica e musical, no sentido único que cada cultura tem, pois aclama o sujeito perceptivo, histórico, midiático, podendo ter uma proposta curricular mais reflexiva e humanitária.

As instituições vivem politicamente um cenário sombrio, pois o processo democrático é ameaçado pelo ódio disseminado, muitas vezes já consolidado historicamente, provocando confusões e ausência de criticidade do vivido, nas proposições de soluções rápidas para problemáticas antigas. Um exemplo é a *corrupção*, prática cultural a ser (des)construída lentamente, em um processo longo a ser trabalhado no âmbito educacional, pelo fazer da sociedade, pela formação

da consciência, personalidade. O sentimento do ódio alimentado pela imaturidade política, pela intolerância humana, pelo desconhecimento histórico, próprios de quem nega-se à análise, acreditando nas correntes que selam verdades do aprisionamento da consciência, desvalorizando a memória ancestral. Nesse cenário paradigmático emerge a ignorância extremista, que apresenta a aversão pela diversidade humanitária, acirrando ainda mais as desigualdades sociais, sobrepondo o autoritarismo, gerando o desvelar do fascismo, nazismo, em detrimento a democracia, própria da teologia da vida.

Neste sentido, a insensibilidade humana em ouvir o outro, gera diferentes níveis de violência, da hostilidade verbal, emocional, étnica, de gênero e, por vezes, física. O espaço educacional precisa, deve e pode entender a desconstrução deste ouvir, pela possibilidade didática do diálogo, do argumento includente, de “ser” e de “estar” na diferença da vida, esperança que move a humanidade, valor imaterial.

As outras instituições são espaços políticos, mas a escola também o é, ela pode promover o exercício democrático, do tempo desalinhado, ou seja, podemos viver situações presentes sob experiências passadas, afinal tempo/espaço tem sentido, significado único, depende do grau de importância que damos a ele, da dimensão problemática a ser questionada.

Por isso trazemos os espaços sagrados apresentados pelas dimensões fílmica e musical, dimensões hierofânicas, representadas pela percepção midiática. As dimensões dialogam no sentido dos laços afetivos construídos a partir do espaço/tempo, ambas ocupadas por um fazer diário, pois ao viverem em um determinado lugar as pessoas constroem relações de pertencimento intelectual, político, afetivo e espiritual no que diz respeito ao ambiente vivido, reafirmando a visão de topofilia (TUAN, 1980).

Neste aspecto normal de pertencimento psicológico, estrutural do comportamento humano, constrói-se o princípio dos conhecimentos/saberes, valores, que influenciam a construção do imaginário. A postura da humanidade contemporânea frente aos preconceitos transmitidos pelo senso comum, cria uma celeuma sectária dualista cultural. Precisamos encontrar intercessões, possibilidades de entendimento do panorama cultural e histórico das vivências ocidentais e dos saberes das sociedades tradicionais. Há necessidade deste diálogo epistemológico auxiliando na desconstrução da segregação educacional, social, pois o cosmo pertence a dimensão ancestral de paz interior. Existe maturidade espiritual que traz equilíbrio emocional, físico, com a capacidade de propagação aos viventes desta paz, existente na infinitude do universo com tudo que cerca a humanidade, pois somos o embelezamento do cosmo, pelas nossas indagações, pelo mistério de desvelamento do cosmo.

No sentido cultural dos mitos, textualidades, musicalidade, mídias, de fazeres, dizeres e registros no universo afro-brasileiro e indígena, entendemos e respeitamos os conceitos e escolhas humanas, de fazeres/saberes a partir da teoria/metodologia fenomenológica merleaufreireana, própria do viver afro/indígena. É importante

ressaltar a análise da atual conjuntura histórica, política, pois estas retiram nossos direitos, manipulando a ordem psíquica, mesmo porque o momento vivenciado possui impactos de exclusão dos direitos indígenas e das conquistas do movimento afrodescendente.

A longa colonialidade gera consequências desumanizadoras, prejudicando a sociedade civil como um todo, as populações vulneráveis, as culturas indígenas e afrodescendentes estão à margem do direito social. A análise do contexto contemporâneo sobre o Estado democrático alerta-nos sobre a indução mercadológica, pois este tem o monopólio do consumo, controla o comportamento humano por meio da mídia, induz/conduz o pensamento, a consciência humana, por meio da ignorância, da desinformação política, das confusões ideológicas e da rapidez das informações que se amontoam/amedrontam/petrificam as ações.

Este poder aprisiona, mas pode alimentar o desejo de se libertar n+o sujeito perceptivo, se a educação despertar o sentido da liberdade crítica do pensamento. Neste sentido, dialogamos e destacamos os estudos de Noam Chomsky (2013), em seu livro intitulado: *MÍDIA: Propaganda política e manipulação* (2013), elucidando dez referenciais de cooptação midiática, que prejudicam a vida a formação crítica e autônoma de quem aprende ao mesmo tempo que ensina reafirmando a teologia da morte humana. Elencadas a seguir:

a) Escravização ideológica: é a distração da população, consiste em criar artifícios para desviar atenção, promover situações problemáticas de domínio político e econômico, não permitindo uma reflexão do conhecimento epistêmico profundo, comprometendo a criticidade científica, a economia, a educação.

b) Estratégia de captura do pensamento: consiste em apresentar problemas, na perspectiva do senso comum e sempre oferecer a resolução dos mesmos, constrói-se um terrorismo emocional de dependência nas pessoas, mantendo-as reféns e causando um impacto, um trauma imediato (Problema/reação/solução).

c) Estratégia de lavagem cerebral coercitiva: ocorre no inconsciente, pois a elite trabalha o imaginário humano, o psicológico, atuando de forma vagarosa no inconsciente, levando a consciência a óbito: “Detesto política!!”.

d) Domínio das massas pelas mídias: esse processo se dá pela insurgência. No contexto político/ econômico, de direitos humanos, o exemplo bem presente em nosso país é o golpe branco, armado para retirar a legitimidade da presidenta eleita. A mídia trabalha a hostilização da população aos povos indígenas, que lutam por suas terras nativas, induzindo-a a não reconhecer o direito de cidadania indígena.

e) A escravização do pensamento: refere-se à infantilização do público, por meio dos discursos do neoliberalismo nas mídias. Estas infantilizam o discurso, provocando a falta de criticidade, excluindo o conflito e a contradição, condição inerente da pessoa humana.

f) Dificuldade de reflexão: consiste na imaturidade, pois no processo de cooptação ocorre a impossibilidade de ver com profundidade sobre o que está acontecendo,

refém da fragilidade e dependência emocional, pois é dependente e inseguro na resolução dos problemas, exemplo desta premissa, é o sentimento de terror, o medo de tomar decisões, preocupação excessiva com o que os outros vão pensar sobre sua manifestação.

g) Ignorância social: defende o paternalismo, a massa ignora os problemas e tem uma perspectiva medíocre diante da saúde, da educação e do direito de infraestrutura social. A dicotomia entre opressor e oprimido é anunciada por Freire, que percebe os mecanismos de escravização, pela manutenção da ignorância social, nesse sentido, o livro *Pedagogia do oprimido* (2001) contempla esta forma ideológica de discussão.

h) Manipulação ideológica da elite burguesa: induzir a população a ter contra valores, que menosprezam a ética, o respeito, a ciência. O discurso vigente é de que as coisas são antiquadas, o importante é valorizar as coisas sem fundo epistêmico.

i) Situações de culpabilidade e opressão: induz a crença nas pessoas de que estas são culpadas pelas mazelas, por sua falta de inteligência. Este processo desencadeia um quadro depressivo, petrificando ações, comprometendo futuros questionamentos analíticos, o que concede ao opressor a manutenção de sua ideologia fascista, afinal, o sujeito não percebe que os problemas estão acima de sua vontade, que dependem de uma estrutura/infraestrutura e não de situações pontuais.

j) Dispositivo de manutenção ideológico: O sistema tem conhecimento de vários mecanismos que podem aprisionar as massas populares, o bombardeio de informações não garante formação. Uma estratégia é criar uma série de noções sobre um problema, uma espécie de teoria da conspiração, tornando a população massa de manobra do sistema. Radicalizar enquanto resistência não é solução, pois estamos lidando com forças que conhecem as estratégias da luta ideológica, não respeitando a diversidade do comportamento humano.

Neste sentido, resta aos vulneráveis afrodescendentes, indígenas descrever entender a psique, confrontar com aquilo que vivemos, dialogar consigo e com outros, ter clareza e profundidade das intenções, para ser crítico e reverter a situação de dependência, superando-a. Neste prolongamento epistemológico, a dimensão educacional deve estar alerta constantemente, pois os bombardeios de informações digitais são permanentes, o que requer alerta, na descrição do fenômeno e suas prováveis intenções, nesse caso, a escola pode ser promotora cotidiana da reflexão como exercício de liberdade.

3 | VIDA/MORTE: A RESILIÊNCIA DOS GUARANI, KAIOWÁ E AFRODESCENDENTES

A vida imanada tem ligações, quando estas se fazem pelo sentido de encontros e desencontros, podem inexplicavelmente criar laços, que são compreendidos pelo passar do tempo. Nesta trilha do aprender, por caminhos construídos pela sobrevivência

do estudar/trabalhar, somos regidos pelo estar com o outro, errando, acertando em um fazer diário, sabemos que estar/ser na/da Educação é estar eminentemente na circularidade do aprender. Ter o privilégio, sabedoria de viver com diferentes olhares, possuir inquietação e expectativa, compreender que as perguntas, dúvidas, certezas, serão respondidas com incertezas construídas por diferentes experiências.

A denúncia feita por um documentário ou por um samba enredo ultrapassa o ritual do entretenimento, seus objetivos parecem simples, mecânicos, mas não são, têm sentidos singulares, constituídos pela força vital do valor humanitário das pessoas envolvidas. Sentidas, energizadas em um projeto de liberdade cultural, que de forma naturalizada, media conflitos/entendimentos das diferenças e semelhanças no/do que se vive cotidianamente.

O processo de aprendizagem do fenômeno ocorre com o período espiral de preparação, sequenciação, condução, partilhamento, prazer, degustação, agradecimento com gosto não de despedida, mas de um até breve. Manifesto de circularidade do parteamo de todos os membros, que se olham na condição dos saberes, do desejo, em uma relação Paulo *Freireana*, ou melhor, *Merleaufreireana*. A escuta de um assistir silencioso de reflexão, de não alienação, de quem ensina/aprende como ação, de assistir, escutar e dançar um samba, propósito adormecido que desperta a infinita plenitude do viver.

Tudo que a pessoa humana precisa para ser humanizado/aprender está dentro dele mesmo, seu potencial, sua força vital, suas lembranças, basta ter sentido para despertar do sepulcro hermético do conhecimento, para que as relações criem pontes, a fim de se comunicarem. Está tudo lá, tempo, espaço, dores, cores, amores, sabores, afetos, carisma, empatias, cheiros, lembranças antepassadas com nexos e rastro no presente, entendendo e considerando as causas do futuro.

Retomar a presença do passado dentro de uma temporalidade, do continuar, tempo passado/presente confundem/interligam-se na naturalidade do mistério, possuindo o sentido da absoluta falta de lógica, pois tem outras razões, pertence a uma outra lógica, a outras dimensões temporais/espaciais.

O tempo é perene, não passa, sensibilidade dos sentidos, desperta lembranças adormecidas dos fatos, um passado vivo, no presente do agora, para quem tem saudade, viver o sentido do passado, em um outro contexto dialogando com a estética, performance, voz, canto, lamento, dança, ritmo, chocalhos, tambores, odores sentidos na invisibilidade da visibilidade do filme e do samba enredo. Defino isso como amor no viver da simplicidade, relações pertinentes, entendo o sentido de situações não esquecidas e sim adormecidas, é possível reaver o que nunca foi perdido. Brandão (2014), sabiamente compreende o olhar cosmogônico, das realidades vividas e interligadas:

(...) Tudo o que há no universo cósmico está em ligação com o ser humano ou o ser humano está ligado ao cosmo? Esta condução interrogativa vem ao encontro da nossa pesquisa, pois o olhar a tudo que nos cerca conduzirá provavelmente a

resposta e a outras perguntas da existência humana, somos seres infinitamente a busca de outras dimensões a outros desafios, “nós somos a geração que deveria ousar a superar-se interiormente a si mesma” (BRANDÃO, 2014, p. 210).

A escuta revela como a monocultura do não índio prevalece e como ela é vista, as consequências e a desterritorização destes povos, segregados dos direitos civis, que enfrentam os conflitos das demarcações de terras no sul do estado, responsável pelo assassinato de várias lideranças indígenas que lutam pelo resgate de suas terras sagradas (Tekohá). Diante dos fatos históricos sociais, as nações indígenas encontraram uma forma de proteger suas raízes, hábitos, costumes, por meio das lembranças reveladas, depositadas no sentido de vivência passada e presente para ressignificar suas identidades de acordo com Stuart Hall (2005).

A questão da identidade é apresentada no contexto do filme *Martírio* (2016), pois documenta e revisita a paisagem geográfica das terras sul-mato-grossenses, dos fenômenos encontrados por força histórica do documentário. O tempo da produção entre as primeiras filmagens e a edição/divulgação da película levou quinze anos. O exercício participativo de respeito a diversidade, por meio do diálogo, encaminha os saberes experienciais de memória ancestral. Por meio do filme há construção de um outro olhar de conhecimento, nem melhor ou pior, simplesmente o olhar de um conhecimento diferente.

Esta obra enuncia a intuição, está presente num corpus de sintaxe e de semântica, temas ligados a: educação, currículo, artes, identidades, historicidade, memória ancestral, mitos. Ao abordar estas dimensões percebemos a necessidade de outros conhecimentos epistemológicos, diferentes dos da ciência tradicional. Neste sentido, há inúmeras possibilidades quando trabalhamos na dimensão cinematográfica, pois enquanto episteme transita em diferentes espaços, provoca diferentes emoções, reações, rejeições. É o fazer da reflexão agindo na pessoa humana, desvelando a espiritualidade sentida na palavra *tekohá*, enquanto dimensão de componente curricular, midiática, oralizada. Esta dimensão foi despida, desqualificada de seu sentido mitológico da cosmologia e cosmogonia. Os pesquisadores sul-mato-grossenses Eliel Benites e Antonio Dari Ramos (2017) afirmam:

(...) Os elementos do tekoha, na dimensão espiritual (os cantos, os donos da florestas etc.) e física/biológica (os seres vivos e não vivos) constitui o teko, o jeito de ser, e o jeito físico dos Kaiowá e Guarani. A relação estabelecida com o seu território é tão profunda que a linguagem, o Ñe'ẽ, se origina do próprio tekoha. A língua deixada através do canto pelo Ñande Ryke'y é adaptada ao local onde se encontra o tekoha. Muitas linguagens, Ñe'ẽ ou ayvu, fazem parte de um tekoha, mas apenas pequena parte delas é absorvida pelos Kaiowá e Guarani para se comunicar com a natureza, o tekoha. Essas linguagens não são constituídas apenas pelo som ouvido através da sensibilidade da audição, mas também por outras sensibilidades, sinal da grande e profunda relação dos Kaiowá e Guarani com o seu tekoha. O ayvu é o elemento de ligação com o mundo social, ambiental e espiritual em um tekoha. Através dele é que mantemos os valores, que repassamos continuamente a cosmologia Guarani e Kaiowá às nova gerações (...) (BENITES e RAMOS, 2017, p. 34)

Embora os pesquisadores separem as duas dimensões, os elementos mitológicos e da ciência tradicional, estão interligados, energeticamente. Os autores apresentam as palavras na dualidade para explicar didaticamente o significado e compreensão de cada uma delas *Tekora*, *Ayvu*, *Ñande Ryke'y*, *Ñe'ẽ* ou *Ayvu*, mas o sentido pode variar de lugar a lugar, por exemplo, a palavra, *Ayvu*, pode ser barulho, ruído, *Ñe'ẽ* pode se falar junto, discutir, dialogar. Estes conhecimentos/saberes estão presentes e obedecem caminhos de outras lógicas para o sentido da vida, uma ciência de universo movente, plena, evolutiva.

O filme mostra de forma didática a sequência e o dilema social experienciados pelos Guarani e Kaiowá, sensíveis ao choro das mães e parentes que perderam seus filhos, na luta pela terra. A câmara fecha quadros bem alocados com focos históricos, desvelando o estado de exclusão vivido por estas etnias, que se deslocam por rodovias e fazendas ocupadas pelo latifúndio, a procura de paz nas terras de seus antepassados.

A realidade nua e crua da negligência do poder público frente aos direitos humanos é contundente, pois em meio àquela confusão social, misturam-se crianças, adultos, mulheres, velhos, pintados por um pintaquá, todos sensíveis a um objeto, um clamor histórico, em que as vias legais sempre são citadas. As populações foram, ao longo do tempo, massacradas por um discurso que pretendia fazê-las acreditar que os indígenas estavam fadados ao fracasso, a legitimidade e ascensão passava por superar a ideologia imposta.

A divulgação e socialização do documentário sobre a história destas populações possibilitou o protagonismo indígena, uma vez que estas “pessoas” passam de “objeto” a pessoa humana, na percepção de quem fala e ouve as narrativas de suas vidas, compreendem o processo de escravidão no qual estavam inseridos. O documentário dá visibilidade aos massacres não registrados, pois a mídia capitalista ignora o genocídio, dessa forma, a história brasileira continua sendo escrita com sangue indígena, ele narra sobre estas nações/etnias que são compostas por pessoas sensíveis/perceptivas/intuitivas, emancipadas no pensar da liberdade.

O cinema colabora na recriação de formas para manter as historiografias pessoais, pertencentes a própria história, sendo um dos desafios da nova ordem social, os desdobramentos sincréticos de sobrevivência, as etnias resistem mantendo a identidade linguística pelo exercício do esconder, para não cair no esquecimento, influenciando a formação da nação brasileira em todos sentidos (ADORNO, 2000).

Estes povos resistem pela retomada do *Tekohá*, pois o deslocamento e encurralamento arbitrário do processo civilizatório, provocou a eles a condição sub-humana de sobrevivência, explorando seus recursos hídricos e ecológicos. O custo humano de servir aos interesses da ideologia mercadológica do não indígena, não poupou a liberdade e cultos ancestrais dos nativos da terra, os mesmos foram induzidos e obrigados a condição e conduta de escravizados aos modos de produção colonialista.

A inter-relação simbiótica de cooperação é constituída a partir dos elementos da natureza sensível. O pensador Maurice Merleau-Ponty não conheceu os Guarani, Kaiowá e Terena, mas seu pensamento ideológico contempla o entendimento deste viver, destas etnicidades corpóreas. Michel Certau (2010) induz a uma ontologia, que se relaciona com as ideias de Boaventura de Sousa Santos (2011), nas relações sociais, pois a história está suleada por uma *ecologia de saberes*, com um tempo relacionado a vozes com sentido da relação no espaço teofânico, que nos remete a um espaço sagrado, espaço energizado. Isto não é o realismo fantástico da literatura, mas uma realidade de mistério, própria dos sentidos de uma epistemologia do sul que redescobre saberes, ressignifica, criando e recriando outras formas de conhecimento. Existem circularidades, similaridades e energização, podemos observar na poética do samba enredo: *Meu Deus, Meu Deus, está extinta a escravidão?* (2018).

A experiência de intercorporeidade é uma das experiências originárias da ontologia, da 'formação' do Eu e do Outro, ou seja, só se pode compreender o humano histórico-ontológico enquanto ser social. É nesta experiência intercorpórea que o mundo sensível tem o seu significado, tanto o mundo sensível natural quanto o artificialmente produzido pelos homens e mulheres: "... uma consciência não saberá encontrar nas coisas senão o que nelas pôs" (MERLEAU-PONTY, 2010, p. 233, grifos do autor).

A educação, mestra do despertar, da reflexão, formadora *da e na* consciência crítica da humanidade, espaço da diversidade social, deveria ser/ter o exercício criativo como princípio da liberdade cultural. Neste sentido, ampliar a visão de outras realidades epistêmicas da sabedoria em outros tempos para entender e embasar a naturalização do diálogo/discussão das mazelas sociais, podem e são ações pedagógicas circunscritas na formação humanitária da consciência de cada aluno.

Identificar a exclusão social, a propagação do preconceito, do racismo, que emergem, nascem e alimentam a cultura da desigualdade, é ação pedagógica, não é "doutrinação ideológica", exercício de liberdade, de escolha, democracia no bojo da igualdade.

O canto é uma das formas de nossa ancestralidade estar presente, representa o som da liberdade universal das cosmogonias. A metáfora de ancestralidade pede que sejamos críticos, *sentinelas* de nossas possíveis correntes, pois existem várias formas de prisão. Neste sentido, no panteão das divindades que criaram a humanidade, na religião da Umbanda e do Candomblé, a liberdade é representada por Oxalá, que é como Jesus Cristo se apresenta nas religiões cristãs.

Citamos as simbologias de algumas divindades, não para enfatizar o sobrenatural, ou o fantástico, mas a fim de ter uma visão multifocal das representações das divindades. Neste sentido, Xangô é o guerreiro, Oyó, o justiceiro, buscando o seu reino defender. Novamente a ancestralidade está presente, a voz cantada dá vazão ao coração, ao grito de dor engolido a tempo, o canto que exorta/clama a libertação de quem era vendido como carne de mercado, pois ao chegarem em terras

brasileiras, estes povos oriundos de África, eram negociados pelos capitães do tráfico humano como se fossem objetos de consumo, vendidos para diferentes senhores de engenhos.

Hoje, os afrodescendentes são os trabalhadores/trabalhadoras ritmados pela harmonia da bateria, que tem suas raízes representadas no ritmo do samba. Neste espaço cultural/educacional em que se canta e dança a metodologia da vida, encontramos o bálsamo, espaço similar de sinergia circular, das casas santas, para enfrentarem as dores de um cotidiano excludente.

Na dança da vida, unem os componentes da dor/amor/paixão/musicalidade, do samba, estendidos na batida do ritmo do coração, da pulsação do sangue avermelhado, na escuta que guia a procura de giras, de paz para enfrentar/denunciar o anúncio do descaso, da indiferença/diferença, do direito humano, do viver a cidadania em vias do combate à desigualdade social.

A letra da música evoca/revive os espaços/tempos míticos, sagrados, dos terreiros, das casas santas, que são extensões destes espaços hierofânicos. Os corpos assumem a carnalidade social, não só da matéria, mas que transcendem os espaços de outros espaços, outros sentidos/de outros sentidos, despertando a criticidade de outras dimensões, como a da espiritualidade na qual não desaparece nada, só cede hierarquicamente a ocupação de um Orixá, que canta o mito, tamanha profusão hierofânica.

Estes fazeres culturais nos ensinam a troca como pedagogia da vida, que seja justa para todos, sem distinção de raça, cor, credo e poder. Existe na música, *Meu Deus, Meu Deus, está extinta a escravidão?* (2018), uma simbologia processual mitológica que narra o mito da travessia do mundo dos vivos para o dos mortos, pois aqueles que sobreviviam à dupla travessia, do oceano e da morte, sobreviventes escravizados sofriam na vibração do banzo (o despertar muitas vezes da animalidade traz consigo o banzo, sentimento da saudade intrínseca de seu *ser*, uma saudade incompressível, inconsciente que e muitas vezes inexplicável de quem sente. A herança ancestral é permeada por força de imposição ideológica dos valores do colonizador, de dominação, provocando nos filhos da mãe África uma lacuna identitária (depressão), pois nós afrodescendentes, afro-brasileiros já nascemos sobre o regime escravocrata, degenerando os princípios de respeito natureza: ambiental/ humana). Esta manifestação espiritual é a ruptura entre homem/natureza com a dualidade do mito da coexistência/continuidade.

O mito do sobrenatural tem sentido de naturalidade vivida, pois perdidos no imenso oceano transcontinental, os africanos acreditavam que os Orixás não os encontrariam pós-morte, para conduzi-los a moradia de seus ancestrais e estariam perdidos pela eternidade. No entanto, a divindade, mãe das águas, lemanjá os resgatava do fundo do mar, acolhia e os encaminhava para o mundo dos ancestrais, ao condensar este mito para exemplificar, tentamos compreender o sentido de uma invisibilidade que é visível, viva e sustenta a fé. Este mito, verdadeiro para a cultura

africana tradicional, explica o sentimento de deslocamento do banzo, do sentido da calunga (travessia) ponto citado na obra.

Compreender que o mundo dos mortos é codependente do mundo dos vivos, exige o desprendimento husserliano, talvez Maurice Merleau-Ponty no auxilie teoricamente e metodologicamente a entender a dimensão deste fenômeno, coisificado em uma esfericidade, naquilo que incorporamos conscientemente sobre a liberdade. Vejamos o que ele afirma em uma primeira reflexão sobre a liberdade:

Entretanto, esta primeira reflexão sobre a liberdade teria como resultado torná-la impossível. Se, com o efeito a liberdade é igual em todas as nossas ações, e até em nossas paixões, se está sem medida comum com a nossa conduta, se o escravo testemunha tanta liberdade ao viver no medo do que ao quebrar seus ferros, não se pode dizer que haja nenhuma *ação livre*, a liberdade está além de todas as ações, em nenhum caso se poderá declarar: “Aqui aparece a liberdade”, pois a ação livre, para ser revelada, deveria destacar-se num fundamento da vida que não o foi ou que o foi menos. Ela está em toda parte se se quiser, em lugar nenhum. (...) Só há escolha livre se a liberdade se compromete na sua decisão e coloca a situação que ela escolhe como situação de liberdade (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 439 e 440)

Instaura-se o ubuntu polifônico entre mortos/vivos, estes dialogam entre duas dimensões, coisificação dimensio(nacional) conduzida pelo portal da música. Na descrição do samba-enredo o espaço do imaginário é real, o conjunto da obra o torna corpóreo pelo canto de liberdade, da melodia, do ritmo, da divisão sonora dos atabaques, cuícas, e reco-recos, que ecoam uma liberdade paradoxal. Ao som do choro do bandolim, confundem-se o lamento, o grito, o clamor de esperança e liberdade, nesta macumba de vivências, o banzo e a pamba africana são manifestações, raízes melódicas de africanidade de vidas que se encontram por meio do canto da melodia.

4 | REFLEXÕES...

Por meio da musicalidade, descreve-se a relação da terra e do ser africano/humano, entende-se o poder da história, que pode se fazer presente pelo enterro do esquecimento social, ou pelo descortinar da vida humana dos oprimidos. Vida humana dos trabalhadores a quem não foi permitido fazer escolhas, por sequestro da liberdade. Em terras brasileiras a identificação afro/indígena foi destruída e substituída pela condição de escravização, o que, neste caso, comprometeu e desqualificou a estima identitária, o valor hierárquico foi desconstruído com o esquecimento e apagamento de nossas raízes.

A voz do canto denuncia os fatos atuais, a falta de oportunidades para os trabalhadores, a corrupção em todos os níveis sociais e institucionais, as discrepâncias de Brasília, a mídia manipuladora, mazelas sociais a serem desconstruídas pela educação, pelo exercício da dignidade humana, cidadã, pelo direito à diferença. Enfatiza-se a teologia da morte, pois neste arquétipo social-ancestral de sobrevivência, vivem giras, por meio do sentido das pambas, riscam e traçam caminhos por uma

escuta de ré maior, sonoridade de artefatos sensitivos que são ouvidos, apreciados.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BENITES e RAMOS,) REA I N° 4 | julio - Dossier 'Etnologia indígena' **O Caminho Guarani e Kaiowá na busca do jeito sagrado de ser – Oguata teko Araguyje rehehápe**. ISSN: 2387-1555 | www.iiacyl.com/rea | Indexada em Latindex p.33. 2017.

BRADEM, G. **Código de Isaías**. Matriz Divina é a origem das estrelas, das rochas, do DNA e de tudo que existe, provado pela física quântica. In: www.semprequestione.com , acesso em agosto, 2017.

BRANDÃO, Carlos, R. **História do menino que lia o Mundo**. São Paulo. Editora: Expressão Popular, 2014.

CARELLI, V. CARVALHO, Ernesto de, AOKI, C. AOKI, M. M. BENITES, T. Documentário: **Martírio** <https://www.cartacapital.com.br/cultura/martirio-um-filme-para-indignar-brasilia> , acesso em maio de 2016.

CERTEAU, M. **A História da Escrita**. Rio de Janeiro. ed. Forense,2010.

CHOMSKY, Noam. **MÍDIA: Propaganda política e manipulação** São Paulo: Editora Martins Fontes,2013.

ELÍADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Ed Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**, Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra,1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

G.R.E.S Paraíso do Tuiuti. *Enredo*. **Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta A Escravidão?** Rio de Janeiro, 2018.

HALL, S. **A questão da identidade cultural**. 3. IFCH/UNICAMP, no. 18, junho de 2005.

MERLEAU-PONTY, M. M. A. **A Fenomenologia da Percepção**. Rio de Janeiro: Ed. Gallimard, 1971.

MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito**. Tradutores: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo. Cosac Naify: ISBN 978-85-405-0354-0, 2010.

PASSOS, L.A. **O Eu e o Outro na Escola: Contribuição para Incluir a História e a Cultura Indígena na História**.org. BELENI. Cuiabá: Editora. EDUFMT, 2010.

SAID, Eduard. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula. **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, Boaventura de Sousa (Org.). **Reconhecer para libertar: Os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

STRECK R.D, REDIN.E, ZITKOSKI.J.J, **Dicionário Paulo Freire**, Ed: Autêntica 2008.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações formativas 72, 73, 76, 78, 79

Alfabetização cartográfica 142, 143, 144, 153

Anos iniciais do ensino fundamental 41, 142, 153

Aprendizagem significativa 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 53

B

Brincadeiras 1, 6, 9, 10, 12, 15, 204, 224

C

Ciclo da água 222, 228, 231, 233

Ciências naturais 222, 223, 227, 339, 345

Circularidades 179, 189

Crenças 60, 62, 63, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 257, 259, 261, 347

Crianças pequenas 4, 15, 222

D

Docência 17, 26, 27, 29, 33, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 47, 49, 68, 88, 206, 234, 246, 247, 252, 257, 285, 304, 308, 313, 340, 341, 344, 348, 349, 394

Docência e gestão 40, 42, 45, 47

Docentes 17, 26, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 45, 47, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 85, 87, 96, 99, 100, 102, 104, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 129, 130, 132, 139, 140, 164, 165, 174, 197, 201, 202, 206, 214, 216, 217, 220, 245, 250, 251, 252, 256, 265, 267, 270, 285, 293, 296, 298, 302, 304, 305, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 340, 341, 345, 350, 355, 382, 387, 388

E

Educação infantil 1, 2, 3, 4, 6, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 29, 40, 41, 42, 46, 204, 205, 209, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 233, 234, 288

Eja 155, 156, 157, 159, 160, 163, 171, 173, 174

Ensino fundamental 17, 40, 41, 42, 67, 72, 75, 142, 144, 153, 159, 160, 161, 166, 170, 205, 206, 209, 219, 222, 234, 286, 288, 300, 321, 325, 343, 344, 378

Ensino híbrido 91, 92, 93, 94, 96, 98

Escolas 3, 4, 6, 20, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 40, 41, 45, 46, 47, 51, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 93, 159, 160, 163, 167, 171, 175, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 217, 218, 219, 220, 221, 227, 228, 233, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 255, 256, 260, 265, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 296, 298, 299, 300, 301, 303, 382, 384, 390, 394

Espaço vivido 142, 143, 144

F

Fenomenologia 1, 3, 5, 14, 16, 179, 192

Formação continuada 1, 4, 14, 27, 28, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 46, 47, 48, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 91, 92, 94, 95, 96, 143, 212, 216, 217, 220, 255, 256, 257, 267, 268, 291, 296, 297, 302, 304, 308, 309, 345, 349, 388, 390, 393, 396

Formação de professores 31, 33, 38, 39, 41, 43, 46, 49, 50, 61, 62, 63, 64, 71, 73, 74, 75, 79, 80, 81, 84, 85, 89, 130, 195, 197, 205, 217, 219, 221, 245, 256, 262, 267, 268, 297, 298, 303, 322, 339, 350, 383, 385, 387, 388, 394

Formação docente 27, 28, 29, 32, 33, 39, 46, 48, 50, 71, 91, 98, 130, 218, 248, 252, 255, 258, 262, 263, 267, 269, 299, 305, 350, 382, 388, 393

Formação inicial de professores 59, 60, 61, 70, 71, 129, 130, 132, 245

Formación inicial docente 115, 127

Fracasso escolar 155, 157, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 265

Fronteira latina 81, 86

G

Gephemopo 194, 195

Grupos étnicos 236, 327, 328

I

Identidade docente 59, 60, 61, 64, 67, 68, 69, 70, 132, 138, 139, 339, 340, 341, 350

Identidade étnica 236

J

Jovem em conflito com a lei 155, 156, 157, 158, 159, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 175

L

Leitura 13, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 38, 41, 42, 54, 94, 97, 143, 144, 146, 149, 176, 182, 208, 245, 247, 249, 250, 251, 252, 262, 287, 323, 329, 332, 336, 349

Linguagem 7, 10, 12, 15, 19, 21, 24, 64, 86, 90, 95, 134, 142, 143, 144, 149, 161, 187, 199, 224, 234, 246, 283, 332, 345

Língua inglesa 81, 84, 85, 86, 87, 88, 89

M

Memoriais de formação 59, 61, 63, 65

Mesa reflexiva triádica 115, 118, 124, 125

Metodologias ativas 52, 58, 91, 92, 94, 96, 97, 98

Mulheres indígenas 235, 236, 334, 335

N

Narrativas e escritas de si 59, 61, 64, 65, 66, 69, 70

O

Ouro Preto do Oeste/RO 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201

P

Pedagogo 40, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 387, 389

Percepção 1, 3, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 50, 143, 144, 183, 188, 192, 197, 215, 257, 276, 295, 304, 313, 329, 333, 334, 335, 345, 348, 394

Políticas educacionais 26, 27, 73, 155, 157, 164, 168, 170, 173, 176, 206, 207, 211, 214, 219, 220, 249, 255, 286, 290, 293, 301, 302

Prática pedagógica 115, 119, 120, 122, 126

Produção textual 19, 25, 245, 247, 248, 251, 332

Professores 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 13, 14, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 129, 130, 132, 136, 137, 139, 161, 162, 165, 172, 174, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 225, 236, 245, 246, 247, 249, 250, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 273, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 285, 286, 287, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 302, 303, 308, 309, 319, 322, 339, 340, 341, 343, 344, 346, 347, 348, 349, 350, 378, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 390, 391, 392, 393, 394, 396

Programa mais educação 206, 207, 208, 209, 210, 212, 214, 218, 219, 221, 285, 286, 287, 289, 291, 293, 294, 300, 301, 303

R

Reflexión 115, 116, 120, 125, 126, 127

S

Saberes 6, 9, 32, 33, 34, 39, 49, 60, 74, 76, 78, 137, 138, 142, 144, 153, 176, 179, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 189, 209, 213, 216, 217, 218, 246, 251, 252, 253, 257, 258, 265, 271, 272, 273, 275, 276, 278, 281, 283, 288, 292, 293, 296, 297, 298, 299, 322, 324, 336, 341, 346, 350, 385, 389

T

Trabalho 2, 6, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 60, 61, 65, 69, 71, 74, 75, 77, 78, 87, 89, 92, 95, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 139, 142, 143, 144, 152, 153, 156, 157, 158, 162, 164, 165, 175, 179, 181, 196, 201, 202, 204, 206, 207, 208, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 225, 227, 228, 230, 233, 236, 248, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 264, 265, 268, 270, 272, 275, 276, 281, 285, 286, 287, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 308, 309, 310, 312, 313, 318, 319, 320, 321, 322, 325, 330, 339, 340, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 378, 382, 383, 385, 386, 388, 389, 390, 391, 394

Trabalho docente 27, 28, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 45, 75, 207, 219, 220, 236, 248, 265, 268, 286, 301, 302, 312, 320, 321, 349, 382

U

Uneuro 193, 194, 195, 196, 197, 198, 201

Universidade intercultural 236

 **Atena**
Editora

2 0 2 0